

## OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS LICENCIANDOS EM QUÍMICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Ananda Fernandes de Santana (IC)<sup>1</sup>; Eleilde de Sousa Oliveira (IC)<sup>1</sup>; Suzânia Maria Pereira de Araújo (IC)<sup>1</sup>;

*Instituto Federal do Maranhão (IFMA)- anandhafernandiiz@gmail.com*

### INTRODUÇÃO

À partir dos anos 1990, as discussões sobre a Educação Especial têm se ampliado principalmente devido à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n 9.394/96) e do Plano Nacional de Educação (2001) que a apresenta como uma modalidade de ensino, alicerçada em um novo paradigma educacional de respeito àqueles com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação.

A idéia de educação inclusiva é que as crianças com necessidades educativas especiais sejam incluídas em escolas de ensino regular. Segundo Stainback e Stainback (1999, p. 21),

A educação inclusiva pode ser definida como “a prática da inclusão de todos” – independente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde as necessidades desses alunos sejam satisfeitas.

Ao longo da história da educação especial no Brasil e no Maranhão, ocorreram inúmeras ações políticas e sociais que contribuíram de forma decisiva para os anseios e conquistas atuais na educação inclusiva. Consciente das dificuldades que permeiam o espaço escolar quando se trata de inclusão, a educadora Mantoan (2005) reforça que esta é necessária, pois

na escola inclusiva professores e alunos aprendem uma lição que a vida dificilmente ensina: respeitar as diferenças, pois esse é o passo para construir uma sociedade mais justa. A escola tem que ser o reflexo da vida do lado de fora. O grande ganho, para todos, é viver a experiência da diferença. Se os estudantes não passam por isso na infância, mais tarde terão muita dificuldade de vencer os preconceitos (p.15).

Diante disso, é necessário que a escola esteja pronta para receber este aluno especial, e que, o professor esteja preparado para lidar com essas diferenças de modo que possa existir uma aprendizagem significativa por parte desse aluno.

O presente trabalho surgiu do desejo de verificar através de questionários se os licenciandos em química do Instituto Federal do Maranhão Campus Açailândia estavam preparados para receber um aluno surdo/mudo em sala de aula, uma vez que para tal se faz necessário uma aprendizagem diferenciada. Rosa (2005, p. 88) defende que:

[...] o aprimoramento da qualidade do ensino regular e a adição de princípios educacionais válidas para todos os alunos resultarão naturalmente na inclusão escolar dos portadores de deficiência. Em conseqüência, a educação especial adquire uma nova significação. Torna-se uma modalidade de ensino destinada não apenas a um grupo exclusivo de alunos – o dos portadores de deficiência – mas uma modalidade de ensino especializada no aluno e dedicada à pesquisa e ao desenvolvimento de novas maneiras de se ensinar, adequadas à heterogeneidade dos aprendizes e compatíveis com ideais democráticos de uma educação para todos.

Os resultados da pesquisa demonstraram que poucos dos licenciandos se sentiam aptos para lecionar numa sala com um aluno especial.

## METODOLOGIA

A pesquisa aconteceu através de questionários informais, simples e contou com a participação de trinta licenciandos de diferentes períodos. O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Os questionários foram aplicados na própria instituição durante o horário das aulas de licenciatura em química, uma vez que nesse horário era mais fácil encontrar os graduandos e fazer a aplicação dos mesmos. A tabulação dos resultados aconteceu de forma qualitativa, de modo a respeitar o objetivo do trabalho. Zanelli (2002, p. 83), o principal objetivo da pesquisa qualitativa “é buscar entender o que as pessoas apreendem ao perceberem o que acontece em seus mundos”. O autor complementa ainda que “é muito importante prestar atenção no entendimento que temos dos entrevistados, nas possíveis distorções e no quanto eles estão dispostos ou confiantes em partilhar suas percepções”.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados das considerações feitas nos questionários pelos licenciandos, evidenciaram que a maioria dos entrevistados não se consideram aptos para receber um aluno surdo/mudo em sala de aula porque não possuem o conhecimento necessário para tal.

Para que o processo de ensino/aprendizagem aconteça de forma significativa se faz necessário que o professor esteja em constante formação, outro elemento importante na formação do professor defendido por Macedo (2005) é a reflexão, a qual explicita que

[...] trata-se de uma habilidade muito difícil de aprender e praticar. Não sabemos fazer isso. Reservamos pouco tempo para tal. Parece que ainda estamos determinados por aquela antiga divisão de trabalho entre os que fazem a parte prática e os que fazem a parte teórica, ou seja, aqueles que refletem sobre a prática, mas essa dissociação hoje não é mais possível. (MACEDO, 2005, p. 54).

Quando questionados sobre sua principal dificuldade em relação ao não preparo para o recebimento desse aluno especial, a maioria dos graduandos respondeu que a comunicação era a maior barreira enfrentada nesse processo, uma vez que a disciplina de Libras ofertada na instituição é de apenas quarenta horas. Goffredo (1999) aponta, ainda que, os cursos de formação de professores necessitem de grandes mudanças em sua estrutura curricular, haja vista que os professores precisam aprender a identificar e atender às necessidades especiais de aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos sejam estes deficientes ou não. E, o mesmo autor acrescenta que:

Precisamos, então, investir com seriedade na formação inicial e continuada dos profissionais da educação e, de forma mais específica, na formação do magistério para todos os níveis e modalidades educacionais. Esta formação, em todas as instâncias, precisa concordar com a política educacional brasileira vigente que prevê a inclusão/integração dos alunos com necessidades especiais no ensino regular e, também, com a oferta de serviços de Educação Especial para atender às necessidades educativas especiais. (GOFFREDO, 1999, p. 68).

Apesar das dificuldades, uma minoria, em torno de cinco por cento dos entrevistados, disseram que se consideram aptos para receberem alunos surdo/mudos em sala de aula.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Em geral, nos cursos de licenciaturas, não existe uma preparação específica para que o graduando possa estar preparado para lidar com determinadas situações reais do cotidiano no ambiente escolar, no entanto, políticas públicas vêm sendo implantadas para que essa realidade possa ser modificada, uma delas, é a oferta de disciplinas voltadas para a educação especial.

A pesquisa concluiu que embora a maioria dos licenciandos em química do Instituto Federal do Maranhão não estejam preparados para lidar com um aluno surdo/mudo em sala de aula por conta da comunicação, uma minoria, possui habilidades suficientes para lidar com esse aluno sem comprometer o processo de ensino/aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Leis e Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9394/96, de 20/12/1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, ano134, n. 248, p. 27833-27841, dez. 1996.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MACEDO, L. Ensaio pedagógico: como construir uma escola para todos? Porto Alegre: ARTMED, 2005.

MANTOAN, M. T. E. Inclusão promove a justiça, 2005. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/inclusao-no-brasil/maria-teresa-egler-mantoan-424431.shtml>> Acesso em: 02 de dez 2015.

GOFFREDO, V. L. Flôr Sénéchal. Como formar professores para uma escola inclusiva? In: BRASIL. Ministério da Educação. **Educação especial: tendências atuais**. Brasília: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SEED, 1999.

ROSA, S. P. S. **Fundamentos teóricos e metodológicos da inclusão**. Curitiba: IESD, 2005.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZANELLI, J. C. **Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas**. Estudos da Psicologia, n. 7, p. 79-88, 2002.